



produzimos uma pessoa e depois dizemos que ela não serve, tem que ser presa. Mas nós, dentro da sociedade, continuamos esse processo de produção. O autor da 'Geografia da fome', Josué de Castro, já dizia que 'o homem é ele e a sua circunstância'. Esses meninos que 'fazem e acontecem' são resultados de um processo social de exclusão e os 'filhos de papais' que cometem essas barbaridades por aí, também são resultados de uma orfandade, porque têm isso e aquilo, mas não têm pai, não têm mãe, que pare e desligue o Jornal Nacional para responder uma pergunta ou dar uma orientação. Essa questão social só se resolverá depois que se restabelecer a chamada instituição da família que o capitalismo está acabando no Brasil. No momento em que a família não serve de paradigma, de bússola para orientação, ele vai se achar no direito de fazer como a juventude americana faz

apanhado, julgado e executado pela polícia não é civilização e, sim, barbárie. Nós estamos regredindo ao tempo do Locke (John), que 'o homem era lobo do homem'. Quer dizer, isso é a falência do Estado na função social de controlar e organizar a sociedade de maneira justa e isto implica em distribuição das oportunidades e excessos econômicos produzidos em cada período. Substituem isso pelo extermínio, resolvendo a um só tempo o problema da população e da qualidade da população. Isso, realmente não é método. Sim, dizem, mas não se pode lidar com luvas de pelica com marginais, etc. Claro que não, mas o pessoal tem treinamento, há técnicas e polícia é acima de tudo, inteligência. Veja o que a Polícia Federal está fazendo. Leva um ano, seis meses investigando o pessoal, ouvindo, infiltrando gente, etc. Qual a razão dos

R- Eu vejo de uma maneira bem ampla. Eu sou menino da Vila Leste e cresci entre as duas linhas de Porto Alegre, a velha e a nova. E assisti todo o processo de deterioração da Rede Ferroviária pelos próprios ferroviários. Eles liquidaram com a rede com as suas greves, com as reivindicações descabidas e acumuladas. O pessoal do Banco do Brasil, quase liquidou com o banco. Hoje estão com uma carreira que não é nem mais interessante e deixou de ser uma coisa extraordinária ser funcionário do banco. A Varig, desde que eu fui a Belém do Pará, há 29 anos, já fazia operação-padrão. Então, não era possível que os pilotos ganhando o que ganhavam e tendo os privilégios que tinham, fizessem operação-padrão, que era contra os passageiros. Até que eles conseguiram arrebentar com a Varig. Então, eu acho que as Universidades

Ministério Público a gastos na UFSM sob a égide da FATEC. Como o senhor vê o papel das Fundações de Apoio do interior das universidades públicas?

R- Eu acho que elas contribuem muito para a universidade se acabar como instituição pública. Eu já escrevi um artigo no jornal do sindicato dizendo que as fundações eram o caixa dois das universidades, só serviam para fugir do controle público, da legislação da contabilidade pública. Há muita gente ganhando muito dinheiro, através de fundações. Nada contra a fundação, como instituição, que é criada para uma atividade cultural, científica, etc. Agora, para ser intermediária na aplicação dos recursos públicos para fugir de licitações, é um crime contra a instituição. Parece que no nosso caso, o Reitor já tomou providências, dentro do possível. Mas isso não vai se resolver de uma hora para outra, pois a questão no país é muito séria. Eu sei porque eu fui fazer inquéritos em Minas Gerais, por exemplo, para o MEC, e tinha nove fundações trabalhando dentro da Universidade. Tinha até um Procurador contratado pela Fundação. Agora, o CLT (celetista) não deve fidelidade ao Estado, ele não iria se espedaçar na defesa do Estado. Essas fundações não prestam um serviço, sem que haja dinheiro, que em vez de ser dirigido para a Universidade vai para os bolsos dos que executam os projetos. E eles fazem isso no mesmo horário que já são assalariados e muitas vezes deixam os alunos no corredor, porque já têm os seus projetos.

da universidade

(porque o modelo adotado é o americano). Criar leis, como foi feito no caso da morte da filha da Glória Perez, quando criaram o crime hediondo (que agora os tribunais não aceitam mais), é resolver com leis uma questão que não é jurídica. É caso de política e não caso de polícia.

P- Quando se fala em direitos humanos, as pessoas em geral têm arrepios, volta aquele velho clichê de que direitos humanos só existem para proteger bandidos. Entretanto, a gente viu recentemente que tropas da Polícia Militar e da Força Nacional ocuparam favelas no Rio de Janeiro e no confronto morreram dezenas de pessoas. Houve denúncias, que inclusive estão sendo investigadas, de execução sumária. Ao mesmo tempo, estatísticas demonstram que a PM no Brasil mata muito. O senhor creditaria a que essa aparente cultura da violência dos órgãos de segurança?

R- Parece que estamos agora sob o comando do Coronel Erasmo Dias (secretário de Segurança de São Paulo no final dos anos 1970), nas Polícias Militares do país, que é aquela truculência que ele estabeleceu no estado de São Paulo (da Rota). E isso agora virou moda, por clamor social. Acontece que as pessoas que são apanhadas em becos de favelas, nem sempre são marginais. São pessoas que estão indo para casa e às vezes os próprios filhos do pessoal da Vieira Souto, que foram lá no morro buscar sua 'droguinha', alimentar o comércio. Então, esse critério do indivíduo ser

colarinhos brancos terem todo esse processo de apuração? E, para os pobres-diabos, aquela 'negrada do morro', como eles chamam, vão direto para a metralhadora, sem fazer um serviço de inteligência que possa pegar 'os cabeças-de-ponte'. Eles pegam os bagrinhos, como chamam lá. Então, há uma orientação errada. O secretário de Segurança (José Mariano Benincá Beltrame) lá no Rio foi meu aluno. Ele é muito bem intencionado e qualificado na área de inteligência. Agora, eu acho que o clamor da sociedade pode prejudicar o trabalho, porque eles querem solução imediata para um problema que vem desde o Império. E são os privilégios dos bacharéis formados em Coimbra, que hoje é a elite acumulando privilégios. Já a classe média, adula e acha que um dia vai ser elite e tem ódio das classes inferiores. Então, nós estamos com uma questão social bem definida, mas a raiz é econômica, na distribuição da riqueza produzida.

P- O senhor esteve durante muitos anos na UFSM, tendo sido Procurador Jurídico na gestão do professor Tabajara Gaúcho da Costa. Hoje em dia a Universidade vive uma crise generalizada, inclusive de credibilidade, haja vista que alguns qualificam como uma privatização por dentro. Como o senhor analisa esse quadro?

estão nesse caminho. Parece que em boa hora os docentes resolveram não fazer outra greve. Não é o governo que termina com a instituição. Porque não é possível que todos os governos sejam contra a Universidade. No governo do Lula, parecia que havia assumido o ministério do Carlos Chiarelli, do Paulo Renato Souza ou o tempo do deputado Carlos Santana. Mas são pessoas que saem das universidades e vão para o MEC e sabem das suas mazelas. Então, nós estamos permitindo que os governos façam mesmo uma privatização por dentro. Será uma privatização contra o funcionalismo. Não tanto quanto tinha o Bresser Pereira, mas em geral tem essa reserva. Talvez pegue o parâmetro de Brasília para julgar todos os funcionários públicos. E a gente vai se prestando a este papel dentro das universidades. Na realidade, para fazer política partidária ou no sindicato por exemplo, é uma dificuldade reunir meia dúzia de pessoas num auditório. Enfraquece o partido ou o sindicato e ficamos desamparados. Precisamos ter uma transação de informações e de pressão com os deputados para fazer mudanças pela via parlamentar. Nós desprestigiamos os deputados, mas é o nosso sistema. Enfraquecemos o sindicato porque quando há uma greve, a maioria vai para praia ou para o sítio e os universitários têm vergonha de aderir a partidos políticos. Essa é a nossa dificuldade.

P- Recentemente, notícias em jornais mostraram restrições feitas pelo

“O jurista é a categoria mais atrasada do país”

P- Qual seria o papel da Universidade, da instância superior, quando existem esses conflitos? Que iniciativa o senhor acha que deveria ser tomada?

R- As universidades têm que ter a coragem de fazer um convênio limpo e puro. Além de controlar os projetos. Ver bem onde fica a ética do magistério superior, porque na Constituição ele tem que formar o cidadão.

P- O senhor acha que institucionalmente há uma saída?

R- Tem. Pode ir colocando em termos aceitáveis os novos convênios e ir ajustando a relação, até que seja uma coisa bem moral. Porque tem os princípios administrativos que não são cumpridos, o princípio da moralidade, especialmente. Mas, claro, a universidade não tem condições de fazer um choque, porque a fundação correu pelas veias da instituição e tomou conta. Fez metástase dentro da universidade. As pessoas da fundação são as próprias pessoas da universidade ou deveriam ser, pois às vezes parece que são adversários. Mas é o interesse. O dinheiro é um deus que não tem ateu.